

CRISTINA
PORTO

S em R O T I n a
Serafina



ilustrações

MICHELE

Caderno é caderno, diário é diário.

Já tive caderno-diário, caderno-caderno e diário-diário, com fechadurinha, cadeado e tudo.

E, depois de reler alguns deles, cheguei a uma conclusão: daqui pra frente, vou fazer cadernos de anotações e diários de confissões.

Não, não é bem isso. Assim fica parecendo coisa de repórter, de detetive... O que eu quero dizer é que vou usar o caderno para falar o que me der na cabeça e na vontade. E, através dele, vou fazer de conta que estou conversando com várias pessoas ao mesmo tempo.

Agora, com o diário vai ser diferente.

Para ele vou contar coisas íntimas, segredos, enfim, tudo o que eu não quiser que ninguém saiba.

O diário vai ser meu confidente.

E o caderno vai ser como... como um telefone de várias linhas. É. É mais ou menos isso.

Um telefone de papel com muitas linhas. Pronto.

Já comecei a escrever no meu caderno-telefone, o cadernofone.

Agora vou discar um número para fazer a primeira ligação.



Quando eu pensava que não fosse mais ter ideias novas para fazer novas surpresas... Pimba! Lá vinha uma quentinha, cheirosa, macia, fofinha, feito pão assado em forno de lenha.

Taí! A surpresa que eu resolvi preparar para comemorar a Páscoa com seu Nonô e os amigos mais chegados foi em forma de pão (sem forma). Sem forma, sim, pois eu fiz a mamãe coelha, o pai e os coelhinhos com as minhas mãos.

A massa foi aquela que acerto sempre, pois já pratiquei muito. Deixei crescer lá no meu quarto, escuro e quentinho (cobri a massa com um pano de prato e um cobertor), durante uma hora, levei para a cozinha, amassei mais um pouco e comecei a fazer os bichinhos.

Depois de assados e frios, arrumei todos em uma caixa de papelão forrada com papel-alumínio. Ah, e coloquei um lacinho de fita no pescoço de cada filhote. Usei fita amarela, verde, azul, branca e vermelha. Por último, embrulhei a caixa com um papel azul forte e amarrei com um laço de fita rosa, bem larga. Ficou lindo o pacote!



Os pães-coelhos foram feitos no Sábado de Aleluia. Nós, a Rosalina, a Lucinha e a Liginha, o Tavico, o Serafim, o Tadeu, a Julinha e eu, já havíamos combinado de passar na casa do seu Nonô no domingo, logo cedo, para levar a ele nem que fosse um ovinho de chocolate. E eu, claro, não contei a ninguém que ia levar pão em vez de ovo.

Mal o Domingo de Páscoa amanheceu, fui procurar o meu ovo. Estava atrás da porta que fica entre a sala e a cozinha. Abri rapidinho pra ver o que tinha dentro dele — eram quatro balas e quatro bombonzinhos —, fechei de novo, guardei, dei um beijo no pai e na mãe (a Severina ainda estava dormindo), peguei a caixa azul e saí de casa correndo.

Ufa! Foi com essa pressa toda que cheguei à casa do meu amigo Nonô. E cheguei com o coração batendo na boca, coisa que acontece toda vez que preparo alguma surpresa pra alguém.

Fui a última a chegar, apesar de achar que estava madrugando: — Feliz Páscoa, seu Nonô! Tome! Fiz especialmente pro senhor! Abra! Veja logo o que é!

— Calma, Serafina, calma! Vamos por partes. Feliz Páscoa pra você também.

Nessa altura, todos já estavam rodeando o seu Nonô,



curiosos pra saber o que havia dentro da caixa azul. E dando palpites, claro.

— Já sei! É um coelhinho de verdade!

— Não, deve ser coelho, mas de pelúcia!

— Não, acho que são ovos, mas de galinha!

Este último comentário, mais cretino do que os outros, começou a me deixar enfezada. Ainda bem que o seu Nonô abriu logo a caixa e, como sempre, lacrimejou quando viu a coelhada com fitinha no pescoço.

— Que beleza, Serafina! Foi você mesma que fez a família toda?

— Nossa! Que legal! Você fez um para cada um, Serafina? Ou são todos do seu Nonô?

— Calma, meninos, calma, calma! Tem pão-coelho pra todo mundo. E com chocolate bem quentinho que eu deixei pronto lá no fogão. A mesa da cozinha já está posta. Vamos comemorar o Domingo de Páscoa sem brigas nem discussões. Com muita harmonia, ouviram bem?

E foi assim a nossa festa de Páscoa. Ou melhor, o nosso café da manhã de Páscoa. Que terminou com música, beijos e abraços. O abraço que recebi foi comprido e apertado. E o beijo, molhado... Seu Nonô está ficando cada dia mais chorão. (E eu também...)

